

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

BRUNO VINICIUS BARBOSA DE ARAUJO DO PRADO
FERNANDA SOARES BARBOSA POSSATI

FERNANDA BARRETO

O ATIVISMO SOCIAL COMO MODELO DE NEGÓCIO

Rio de Janeiro

2019

O ATIVISMO SOCIAL COMO MODELO DE NEGÓCIO

SOCIAL ACTIVISM AS A BUSINESS MODEL

Nome dos autores

Fernanda Soares Barbosa Possati

Bruno Vinicius Barbosa de Araújo do Prado

Orientador

Fernanda Barreto

RESUMO

Este trabalho tem como tema central analisar a participação do negro e sua representatividade empreendedora como forma de equacionar o mercado voltado exclusivamente para o público afrodescendente e a busca por uma autonomia participativa nas relações comerciais. Tendo em vista que, embora os negros no Brasil representem 54% da população e movimentem 1,7 trilhão, em renda própria por ano, os mesmos não se veem representados nas empresas e nem mesmo em propagandas. Para mudar este cenário de preconceito e desigualdade, a comunidade negra tem se organizado em movimentos que buscam no afroempreendedorismo formar uma rede de empregabilidade, onde a troca de serviços e produtos que valorizam etnicidade afro-brasileira representem a resistência e ativismo contra o racismo. É preciso entender como a ausência de representação alarga os abismos sociais diante das contradições do “ser negro” na sociedade brasileira e sua invisibilidade nas cadeias de valor, nas produções, nos compartilhamentos de saberes, nos espaços de poder a partir de suas próprias redes simbólicas. Sendo necessário um olhar mais reparador no que se refere à desigualdade socioeconômica, incentivos que possam diminuir essa desigualdade, políticas públicas compensatórias e reparatórias.

Palavras-chave: Afroempreendedorismo, Desigualdade, Racismo

ABSTRACT

The main subject of this project is to analyze the involvement of black people and their enterprising participation in order to balance the trade exclusively to Afro-descendants and their pursuit for a participatory autonomy at the commercial relation. Bearing in mind that Brazilian black people represent 54% of all nation and move 1.7 trillion reais of their own money, they don't feel represented by the companies and commercial advertisements. To change this scenario of inequality and prejudice, the black community has been organizing social movements which seek jobs at Afro-entrepreneurship, where they can change products and services with the aim to represent their resistance and activism against racism. It is important to understand that lack of representation increase the social abyss between black people and the Brazilian society, their invisibility at value chain, productions, share of knowledge, power spheres from their own networks. Being necessary a different look, one which repairs the socioeconomic inequality and brings incentive scheme, one which implements compensatory and repairing public policies.

Key-words: Afro-entrepreneurship, Inequality, Racism

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo promover um estudo de como parte da população negra tem buscado reforçar a importância de utilizar o poder de compra dos afrodescendentes e investir na própria comunidade de afroempreendedores como forma de integração dessa população ao sistema financeiro através do uso da tecnologia.

O projeto de pesquisa tem como tema central analisar a participação do negro e sua representatividade empreendedora como forma de equacionar o mercado voltado exclusivamente para o público afrodescendente e a busca por uma autonomia participativa nas relações comerciais, tendo como estudo de caso uma empresa já introduzida no mercado e que já se firma como referência no que tange a afirmativa da busca pela identidade e segmentação voltada para captação, empregabilidade, e monetização como forma de autoafirmação. Para isto, o embasamento segue as estatísticas históricas de segregação e desigualdade social que o negro enfrenta no contexto sócio econômico vigente.

Embora hoje, no Brasil, a população negra seja 51% de empreendedores, os seus negócios são os menos lucrativos, pois há falta de preparo e planejamento dessa população para administrarem seus próprios negócios.

A escolha do tema se deu pela busca em saber de que forma o empreendedor negro tem se posicionado frente ao contexto histórico de desigualdade no mercado, tendo como objetivo identificar algumas das empresas que tem se posicionado como representantes da causa negra como forma de empreendedorismo e ativismo social na busca por reconhecimento e alternativa frente à desigualdade histórica. Este objetivo será fundamentado na existência de movimentos como *Black Money*.

Os objetivos específicos foram:

- Esclarecer o movimento *Black Money*.

- Pesquisar como Nina Silva, fundadora do movimento *Black Money* tornou-se uma das vinte mulheres mais poderosas do Brasil.
- Identificar as estatísticas comparativas do mercado em relação a cargos e salários entre negros e brancos.

Para a elaboração do presente estudo será utilizada a metodologia bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações, teses, periódicos (jornais, revistas, etc), documentos monográficos e sites confiáveis.

Acredita-se que o movimento *Black Money* surgiu a partir da necessidade de investigar como as pessoas negras circulam o dinheiro, onde ele vai parar e seu comportamento de compra.

Essa pesquisa se justificou pela importância do estudo da problemática do contexto histórico de desigualdade social e econômica do negro no mercado de trabalho, que é de extrema necessidade para a compreensão do cenário atual. Desde a promulgação da Lei Aurea ficou proibida a escravização de pessoas dentro do território brasileiro, no entanto, não se criou um sistema de políticas públicas para inserir os escravos e seus descendentes na sociedade a fim de garantir a esta população direitos fundamentais, como saúde, educação, moradia, trabalho, etc.

Dessa forma, a primeira metade do século XX do Brasil ficou marcada pela miséria e conseqüentemente, sua resultante violência entre a população negra e marginalizada. A fim de mudar este triste cenário, parte da população negra tem procurado se organizar para dar preferência aos empreendimentos de negros e priorizar o comércio de produtos e serviços da comunidade negra, gerando renda com o objetivo de manter este capital, tanto financeiro quanto educacional, ou intelectual por mais tempo em mãos negras, de forma que se aumente a empregabilidade e os negócios como forma de minimizar as desigualdades históricas herdadas por eles.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: esclarecendo o Movimento Black Money; uma breve pesquisa de como Nina Silva se tornou uma das vinte mulheres mais poderosas do Brasil; estatísticas comparativas do mercado em relação a cargos e salários entre negros e brancos e um estudo de caso.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em meados do século XIX o negro detinha um lugar central no sistema econômico do Brasil, como escravo sustentava a economia do café, cana de açúcar, ouro e algodão, e nas cidades respondia pelos serviços de artesãos, reparadores e etc. Porém, com a Lei das Terras, a Abolição, e a política de imigração que defendia o embranquecimento da população, o negro veio perdendo lugar no mercado de trabalho o que perpetuou uma situação de pobreza e miséria.

Segundo Mário Theodoro (2008, pág.33),

Esse processo foi marcado tanto por uma ausência de políticas públicas em favor dos ex-escravos e à população negra livre, como pela implementação de iniciativas que contribuíram para que o horizonte de integração dos ex-escravos ficasse restrito às posições subalternas da sociedade.

A questão do racismo estrutural demonstra o quanto a sociedade tem dificuldades de perceber e entender a necessidade de que este assunto precisa ser cada vez mais abordado de frente.

Segundo Maria Lucia da Silva (2017, pág.66)

O racismo à brasileira é hoje um crime perfeito. As crenças da democracia racial e da mestiçagem encobrem e mascaram a brutalidade do cotidiano. As representações negativas estão enraizadas no imaginário social, e os golpes sofridos no dia a dia por negros e não brancos frequentemente caem na condição da “não existência”, pelo seu desmentido no discurso coletivo.

A ignorância histórica e cultural sobre o que de fato aconteceu na história reflete diretamente na questão de segregação e do racismo sutil que muitas das vezes está presente no nosso cotidiano.

Um protesto contra o racismo desencadeou um movimento de resistência contra a opressão racial por parte de personagens que lideraram iniciativas, que tinham como objetivo se organizar e lutar contra a tirania no período Republicano da história do Brasil.

Segundo Domingues (2007, pag.101),

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

O racismo vem sendo combatido e denunciado por movimentos organizados e que estão cada vez mais empenhados em trazer para a sociedade, uma conscientização sobre o tema.

Com o objetivo de se manter a cultura e principalmente a preservação da identidade, a população negra tem buscado no afroempreendedorismo, se aprofundar nas questões econômicas desenvolvidas por negros como forma de resistência e sobrevivência ao modelo de mercado atual.

Segundo Nascimento (2018, pag.3)

Embora os produtos não sejam necessariamente exclusivos para uma clientela preta e parda, existe um objetivo por trás da prática da maioria destes afroempreendedores: muitos consideram que o mercado entre pessoas negras, a troca de serviços e produtos que valorizam etnicidade afro-brasileira e a formação de uma rede de empregabilidade entre empreendedores negros são formas de ativismo contra o racismo.

CORPO DO TRABALHO/DESENVOLVIMENTO

1. ESCLARECENDO O MOVIMENTO BLACK MONEY

O termo Black Money, criado nos EUA, foi ressignificado e pode ser traduzido como dinheiro preto. Portanto, o Black Money refere-se ao incentivo do consumo de produtos e serviços produzidos por negros, e o ato de fazer o dinheiro circular entre a comunidade afrodescendente por mais tempo, gerando consciência social e econômica.

O Movimento Black Money surgiu no Brasil, a partir da necessidade de investigar o poder de compra da população afrodescendente, tendo como um dos propósitos, a

disseminação da filosofia de descrença dos poderes/intenção do Estado no sentido de justiça e equiparação racial, além da promoção do associativismo entre empreendedores negros e comunidade negra a fim de fortalecer o afroconsumo e impactar a qualidade de vida de todos os negros dentro de uma visão Panafricanista.

Fazendo uso da tecnologia, o movimento utiliza-se de métodos para gerar sinergia para cada braço do hub de iniciativas black Money. O objetivo é fomentar o desenvolvimento do ecossistema do empreendedorismo negro de forma sustentável, incentivando não apenas o afroempreendedorismo, mas também o que pode ser chamado de afroconsumo.

Tudo se baseia em três pilares sustentadores que visam desenvolver um mindset inovador de empreendedores e jovens negros para a criação de diferenciais competitivos no mercado. São eles:

Comunicação: fomentar iniciativas que estimulam a criação e disseminação de conteúdos voltados para a capacitação e informação do público sobre inovação, tecnologia e empreendedorismo no ecossistema da comunidade negra.

Educação: fomentar a inclusão de pessoas negras nas áreas de educação, tecnologia, inovação, negócios e gestão financeira.

Serviços Financeiros: o crédito para afroempreendedores no Brasil, é três vezes mais negativado se comparados a empreendedores brancos na mesma tomada de crédito. Em função disso, nasceu o D'Black Bank, carro chefe do braço de serviços financeiros do movimento Black Money no Brasil, para ampliar a oferta de crédito destinada ao empreendedor negro.

Com pouco mais de dois anos de existência, o movimento já pode ser percebido em várias áreas. De moda à pesquisas de mercado, afroempreendedores estão ocupando novos espaços e movimentando uma economia que tende a crescer assustadoramente a cada ano.

2. COMO NINA SILVA, FUNDADORA DO MOVIMENTO *BLACK MONEY* TORNOU-SE UMA DAS VINTE MULHERES MAIS PODEROSAS DO BRASIL

Marina Silva, mais conhecida como Nina Silva, pode ser apresentada de muitas formas: reconhecida pela ONU e pela instituição internacional MIPAD (*Most Influential People of African Descent*) entre os cem afrodescendentes mais influentes do mundo abaixo de 40 anos. Indicada pela Forbes como uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil em 2019. Uma das fundadoras do Movimento Black Money, escritora, mentora e gestora com carreira internacional consolidada e 17 anos de experiência com Tecnologia da Informação (TI).

Segundo matéria do site Geledés (24/08/2018), Nina nasceu Marina há 36 anos, no Jardim Catarina, em São Gonçalo – na época, a maior favela plana da América Latina. Desde muito nova, sempre se espelhou na irmã, seis anos mais velha e a primeira da família a cursar faculdade. Como o pai se esforçava para pagar escola particular para a irmã, Nina teve a oportunidade de ter bolsa e não precisar estudar no ensino público.

Com quatro anos, aprendeu a ler. “Não porque eu era inteligente, mas sim porque eu era muito abusada, batia nas crianças. E como eu batia nas crianças da minha idade, a professora me colocou no último ano do prezinho, e lá eu fiquei três anos, desde os dois anos de idade. Então, eu tomei muito gosto por números e letras, eu tive essa familiaridade desde muito cedo”, conta Nina. Foi aí que ela começou a ter facilidade com lógica.

Seu pai, que na época ainda não tinha finalizado o segundo grau, percebia esse talento e incentivava a filha. Quando iam juntos ao mercado, era Nina quem fazia as contas para que o pai não gastasse demais – se sobrasse dinheiro, ela saía no lucro, ganhando seu biscoito favorito. E apesar de gostar de matemática desde pequena, Nina não se considera “de exatas”, muito menos tem o perfil da executiva de TI que programava desde os cinco anos de idade. “Eu vejo a tecnologia muito voltada para humanas, muito voltada ao entendimento do que são as pessoas, do que são as necessidades das pessoas e como que a gente pode melhorar a vida delas a partir da tecnologia.”

Formada em Administração pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduada em sistemas de informação e gestão de projetos, Nina foi contratada por uma

empresa de TI como consultora júnior e desde então iniciou-se sua carreira na área de tecnologia. Por se considerar “a cara da diversidade” enfrentou muitos obstáculos para provar que era competente e capaz. “Se você é preto, você é o pior; se você é mulher, você sabe menos; se você é pobre, você não tinha que estar aqui. Como eu sempre fui estas três coisas juntas, ser perfeita, era no mínimo minha obrigação.”

Em 2013, no auge de sua carreira, Nina foi diagnosticada com a síndrome de Burnout, nesse momento desistiu de sua área de atuação e foi morar um ano fora do país. Durante esse tempo refletiu e entendeu que poderia voltar para sua área de atuação, porém com de um propósito diferente. A partir daí, tornou-se uma pessoa engajada na luta pela diversidade, escritora e apesar de ser da área de TI, é membro honorário da Academia de Letras de Araçariguama e região.

Outro projeto pessoal onde Nina mergulhou de cabeça foi o Movimento Black Money, que visa estimular o desenvolvimento do ecossistema afroempreendedor. Ela explica que a comunidade negra tem um poder de consumo cada vez maior, mas que, quando se trata de tentar empreender, as barreiras são muito grandes. “Mesmo sendo a maioria dos empreendedores, nós não conseguimos créditos nas instituições financeiras, isso porque nós temos cor, nós temos uma imagem, e essa imagem nunca é vinculada à riqueza, ao dinheiro, à prosperidade”.

Hoje, Nina é Project Manager Lead na ThoughtWorks, uma consultoria global de tecnologia. Lá, ela trabalha com software abertos, mercado que nunca tinha atuado anteriormente. Para ela, a transformação digital pela qual passamos é o momento perfeito para a diversidade começar a ter voz. Ela explica que, hoje, “é lucro ter diversidade”, e que as empresas que não se adaptarem a essa realidade vão ficar para trás.

Neste ano, ela foi considerada uma das 100 pessoas afrodescendentes com menos de 40 anos mais influentes do mundo. Para ela, o mais legal disso é ter acesso às outras 99 pessoas e poder, junto com elas, pensar em ações que favoreçam o cenário da diversidade. E em 2019, foi indicada pela Forbes como uma das vinte mulheres mais poderosas do Brasil. Para ela, a pessoa que se considera deste século e quer realmente causar impacto social, independente da carreira ou de um objetivo pessoal, precisa estar conectada e criar redes que possibilitem a transformação.

3. IDENTIFICAR AS ESTATÍSTICAS COMPARATIVAS DO MERCADO EM RELAÇÃO A CARGOS E SALÁRIOS ENTRE NEGROS E BRANCOS.

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos.

Para o professor Otair Fernandes, doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Leafro/UFRRJ), a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravidão.

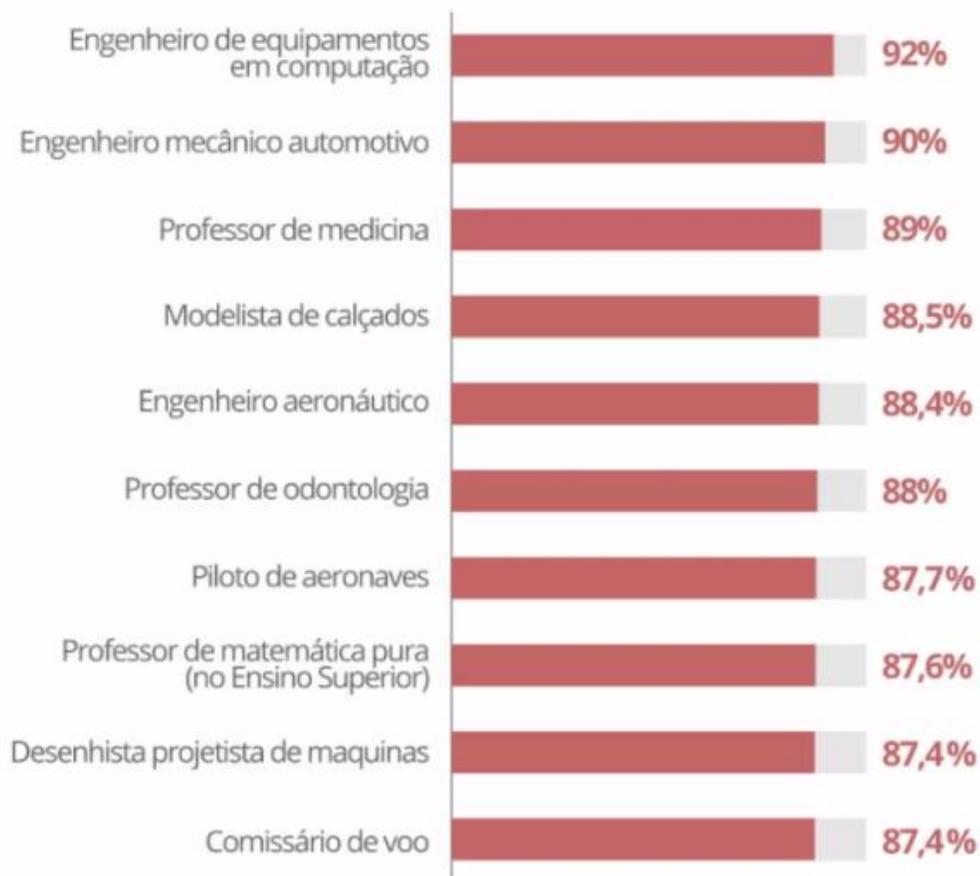


Figura 1: Figura sobre a evolução de salários por grau de instrução entre negros e brancos – Fonte/ Revista Exame

Para Ronaldo Barros (2018), chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) do governo federal, barreiras subjetivas como o racismo ainda fazem com que haja uma presença muito menor de executivos negros, presentes nos altos postos de trabalho, impedindo uma maior remuneração.

O professor ressalta que, mesmo após 130 anos de abolição, ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil. “A questão da escravidão é uma marca histórica. Durante esse período, os negros não tinham nem a condição de humanidade. E, pós-abolição, não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade brasileira. Mesmo depois de libertos, os negros ficaram à própria sorte. Então, o Brasil vai se estruturar sobre aquilo que chamamos de racismo institucional”. Segue abaixo, comparativo de cargos que possuem maior quantidade de brancos e negros:

BRANCOS



NEGROS

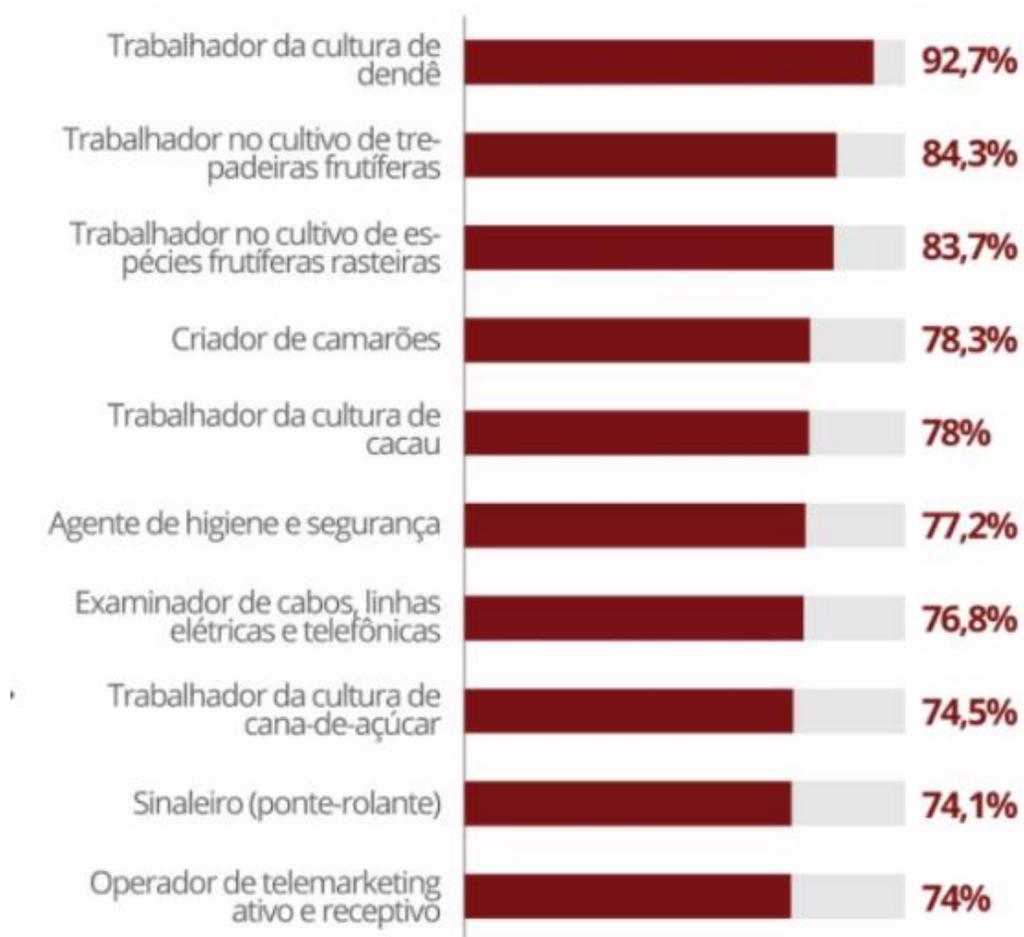


Figura 2: O mercado de trabalho entre negros e brancos / Fonte: SEAAC Campinas

O que explica essa situação são dois aspectos: a escolaridade e a colocação (precoce) no mercado de trabalho, já que negros começam a trabalhar mais cedo, o que acaba afetando na escolaridade.

No que diz respeito à desigualdade, o pesquisador Antônio Teixeira (2018), coordenador de gênero, raça e estudos geracionais do IPEA afirma que:

A população negra possui os piores indicadores sociais, os menores índices de escolarização, de rendimentos e de acesso a bens e serviços, assim como os maiores índices de mortalidade precoce, quando comparados com a população branca. Esses

dados do MTE apontam para uma das faces da desigualdade social brasileira: a divisão racial do trabalho altamente resiliente.

Para Fernandes (2018), atitudes individuais não são suficientes para romper essa questão socialmente e historicamente, e ressalta a importância de políticas públicas de ações afirmativas. “É preciso pensar em políticas de afirmação do negro. Políticas de valorização daqueles que foram marginalizados e excluídos”.

Para a promotora de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia, Livia Santana Vaz (2018), reconhecer que o problema existe é o primeiro passo para tentar resolver essa dívida histórica. Por isso, a consideração de cor ou raça nas pesquisas oficiais produzidas pelo IBGE é fundamental.



Figura 3: Desigualdade entre negros e brancos / Fonte: IBGE

Os trabalhadores negros ganham cerca de R\$ 1,2 mil a menos que os brancos em média. Os dados são do 4º trimestre de 2017 e fazem parte da Pnad Trimestral, que

disponibiliza informações desde 2012. Os números mostram que, entre 2012 e 2017, não houve nenhuma mudança substancial na diferença de rendimento entre negros e brancos. Esta discrepância é fruto do abismo social que distancia brancos e negros da educação às oportunidades de ascensão profissional.

4. ESTUDO DE CASO

Abaixo exemplificamos um caso de afroempreendedorismo fundamentado no Movimento Black Money:

As Josefinas Colab e Espaço Cultural

É uma casa de Inovação Social, empreendedorismo e cultura, com o objetivo de transformar o empreendedorismo por sobrevivência em empreendedorismo por oportunidade com foco em mulheres e mães periféricas com consciência social, fomentando a arte, educação e cultura local e o resgate dos valores ancestrais, se tornando um quilombo urbano.

Um espaço democrático onde há circulação e produção de artes e valorização da cultura. Tendo como valores a Ancestralidade, Identidade, Colaboração e Protagonismo Feminino. Oferecendo oficinas de empreendedorismo, mentoria e prototipação de novos negócios, utilização do espaço para novos empreendedores, eventos promovendo arte e cultura e construção de novas ideias em rede.

A Startup nasceu no Afreektech, um projeto do Movimento Black Money. Somos incubadas através de um programa da Social Starters (Londres), ASPLANDE (RJ-Brasil) com apoio da British Council, diz Aira L. Nascimento, fundadora e gestora das Josefinas Colab e Espaço Cultural, situado em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores do trabalho concluíram que as pesquisas apresentadas e as investigações feitas ao tema constataram que de fato há uma desigualdade histórica a ser reparada no que se refere às pessoas negras. Os dados revelam que o rendimento médio de salário entre brancos é 55% maior que o dos negros, ratificando a tese proposta. Estes resultados mostram que há a existência de um racismo estrutural que culminou em um racismo institucional.

Neste sentido, na busca de mudar estes dados, parte da comunidade negra tem se organizado a incentivar não apenas o afroempreendedorismo, mas também o que pode ser chamado de afroconsumo, seguindo a proposta do Movimento Black Money que tem como objetivo fomentar o desenvolvimento do ecossistema do empreendedorismo negro de forma sustentável.

Chegando assim à conclusão que se faz necessário um olhar mais reparador no que se refere à desigualdade socioeconômicas, incentivos que possam diminuir essa desigualdade, políticas públicas compensatórias e reparatórias.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias do movimento negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC**. Brasil, BR: EDITORA PALLAS, 2016 / 746p.
- ALVES, J. A. **Repensando as relações raciais no Brasil: o estatuto da igualdade racial e as suas implicações na luta antirracista**. Plural, v. 23, n. 1, p. 135-140, 5 ago. 2016. (<http://www.periodicos.usp.br/plural/article/view/114293>)
- APARECIDA DOS SANTOS, Gislene. **A Invenção Do Ser Negro**. Brasil, BR: ESTAÇÃO PALLAS, 2006 / 176p.
- BAILEY, S. **Dinâmicas raciais no Brasil contemporâneo: uma revisão empírica**. Plural, v. 23, n. 1, p. 53-74, 5 ago. 2016. (<http://www.periodicos.usp.br/plural/article/view/118385>)

- **Branços são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação.** 2018. Disponível em: < <https://www.seaaccampinas.org.br/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao/> > Acesso em: 24nov. 2019
- COUTINHO, Dimíttria. **Influente, acessível e humilde: conheça a história de Nina Silva.** 2018. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/influente-acessivel-e-humilde-conheca-historia-de-nina-silva/> > Acesso em: 29nov. 2019
- DAVIES, F. **Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros.** Plural, v. 16, n. 2, p. 75-94, 8 dez. 2009. (<http://www.periodicos.usp.br/plural/article/view/74596>)
- DIAS DE VALOIS SANTOS, Luislinda. **O Negro no Século XXI.** Brasil, BR: EDITORA JURUÁ, 2009 / 84p.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Niterói, 12, n.23, p.101, 2007.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** vol. 2/ Brasil, BR: Editora Globo Livro, 2013 / 534p.
- GOMES, Irene; MARLI, Mônica. **IBGE mostra as cores da desigualdade.** 2018. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade> > Acesso em: 25nov. 2019
- MORITZ KON, Noemi; LÚCIA DA SILVA, Maria; CURI ABUD, Cristiane. **O RACISMO E O NEGRO NO BRASIL.** Brasil, BR : Editora Perspectiva S/A,2017 / 304P.
- MUNANGA, Kabengele ; LINO GOMES, Nilma . **Negro no Brasil de Hoje.** Brasil, BR : EDITORA GLOBAL, 2016 / 224p.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado.** Brasil, BR: Editora Perspectiva S/A,2016 / 203p.
- Site oficial do movimento **Black Money** (<https://movimentoblackmoney.com.br/>)
- THEODORO, Mario. **As políticas públicas e a desigualdade racial no brasil 120 anos após a abolição.** BRASILIA, BR; IPEA, 2008 / 176p.